

ARQUITETURA VERNÁCULA COM TERRA E IDENTIDADE: ESTUDO DE CASO NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA SACO DAS ALMAS (MA)

Vernacular architecture and identity: a case study in the quilombola territory of Saco das Almas (MA)

Sophia Moura Nogueira

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (PPG-ACPS/UFGM)

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-2686-5250>

sophiamouranogueira@gmail.com

Marco Antônio Penido de Rezende

Prof. Dr. no Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (PPG-ACPS/UFGM)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7896-8669>

marco.penido.rezende@hotmail.com

Contribuição ao VI Simpósio Interdisciplinar de Pós-Graduação e Pesquisa (VI SINPE)

RESUMO

Este artigo analisa de que maneira a arquitetura vernácula com terra presente no território quilombola de Saco das Almas, no Maranhão, expressa e fortalece a identidade cultural da comunidade. A pesquisa parte da premissa de que as moradias autoproduzidas, os saberes construtivos tradicionais e a organização do espaço doméstico refletem valores simbólicos, práticas coletivas e modos de vida enraizados no território. A metodologia adotada inclui levantamento bibliográfico, observação direta e entrevistas com moradores. Os resultados demonstram que o uso de materiais locais, como o adobe e a taipa, associados a práticas construtivas compartilhadas, revelam não apenas o domínio técnico das comunidades, mas também vínculos afetivos com a terra, o quintal e a coletividade. A arquitetura torna-se, assim, uma forma de expressão cultural que articula memória, identidade e modos tradicionais de habitar. O estudo reforça a importância de reconhecer e valorizar os saberes tradicionais como parte essencial do patrimônio cultural e da autonomia das comunidades.

Palavras-chave: Comunidades quilombolas, arquitetura vernácula, saberes tradicionais, patrimônio cultural, arquitetura em terra.

ABSTRACT

This article analyzes how the vernacular earthen architecture found in the quilombola territory of Saco das Almas, in Maranhão, expresses and strengthens the cultural identity of the community. The research is based on the premise that self-built dwellings, traditional constructive knowledge, and the organization of domestic space reflect symbolic values, collective practices, and ways of life rooted in the territory. The methodology includes bibliographic research, direct observation, and interviews with community members. The results show that the use of local materials, such as adobe and rammed earth, combined with shared building practices, reveals not only the community's technical expertise

but also emotional bonds with the land, the backyard, and collectivity. Architecture thus becomes a form of cultural expression that articulates memory, identity, and traditional ways of inhabiting. The study reinforces the importance of recognizing and valuing traditional knowledge as an essential part of cultural heritage and community autonomy.

Keywords: Quilombola communities, vernacular architecture, traditional knowledge, cultural heritage, earthen architecture.

1. INTRODUÇÃO

Além da mensuração de valores e a geometria da forma, a arquitetura é uma manifestação cultural, e para além da unidade da edificação existe um aspecto simbólico, assim como materialização de um modo de vida, expresso na vivência, produção e customização do espaço. Ao pesquisador, cabe ir além da crítica e concepção do espaço voltada para conceitos formais, e se permitir explorar a pluralidade cultural presente na arquitetura produzida pelo povo, dando luz a saberes tradicionais pouco conhecidos.

Em sua obra seminal *House Form and Culture* (1969), Amos Rapoport argumenta que a arquitetura vernácula é um dos meios fundamentais de materialização da cultura popular, refletindo as necessidades, valores, desejos e sonhos das comunidades, por meio da edificação e da organização territorial. Através dessa perspectiva, a arquitetura não apenas manifesta o modo de vida camponês, mas também se configura como um reflexo das relações com a terra, a família e o trabalho. Seja na tipologia da casa, na disposição e função dos ambientes ou no uso de materiais naturais, cada elemento arquitetônico revela um panorama detalhado da organização das famílias, da produção e das interações com o meio ambiente. Esses aspectos formam um conjunto simbólico e prático que expressa a identidade e a cosmovisão de quem habita e constrói esse território.

Sobre a arquitetura vernácula:

As arquiteturas vernáculas, por sua vez, podem ser entendidas como uma das mais completas e eloquentes manifestações culturais dos grupos sociais que a produzem e reproduzem. Isso se deve não apenas ao fato de que elas são, como qualquer arquitetura, um espaço produzido por meio de saberes, símbolos e linguagens, com vistas a concretizar valores, sentidos e concepções, e de modo a abrigar práticas e obras de seus habitantes. Tais arquiteturas são uma potente manifestação cultural vernácula porque são, a um só tempo, causa e consequência de modos de produção do espaço e reprodução social caracterizados por uma alta interdependência ou, mesmo, pela total indissociabilidade (Tofani; Brusadin, 2020, p. 1).

As arquiteturas vernáculas, por sua vez, podem ser entendidas como uma das mais completas e eloquentes manifestações culturais dos grupos sociais que a produzem e reproduzem. Isso se deve não apenas ao fato de que elas são, como qualquer arquitetura, um espaço produzido por meio de saberes, símbolos e linguagens, com vistas a concretizar valores, sentidos e concepções, e de modo a abrigar práticas e obras de seus habitantes. Tais arquiteturas são uma potente manifestação cultural

vernacula porque são, a um só tempo, causa e consequência de modos de produção do espaço e reprodução social caracterizados por uma alta interdependência ou, mesmo, pela total indissociabilidade. (Tofani; Brusadin, 2020, p.1)

Nesse sentido, o Território Quilombola de Saco das Almas, localizado no Maranhão, se apresenta como um caso de grande relevância para o estudo da arquitetura vernacula. Saco das Almas, com sua rica história de resistência e cultura afrodescendente expressa em festejos, culinária e organização social, manifesta essa herança também em sua arquitetura tradicional com terra. No território, a produção de diversos espaços, como moradias, espaços de trabalho e edifícios comunitários, é adaptada aos recursos naturais disponíveis, e a gestão e produção do espaço são feitas a partir de um conhecimento tradicional coletivo, que guia a escolha dos materiais, as técnicas construtivas e a organização do território.

À luz desses conceitos, este estudo parte da premissa de que o território quilombola, com suas moradias autoproduzidas e práticas culturais enraizadas, configura um espaço que vai além do mero abrigo físico. O objetivo é analisar de que maneira a arquitetura vernacula com terra, presente no território quilombola de Saco das Almas, expressa e fortalece a identidade cultural da comunidade, considerando os saberes construtivos tradicionais, o uso do espaço doméstico e os valores simbólicos associados à moradia e ao território. A pesquisa se apoia em levantamento bibliográfico, observação direta e entrevistas com moradores da comunidade, permitindo uma análise detalhada da relação entre os espaços construídos e a identidade quilombola.

2. METODOLOGIA

Este estudo de caso, com abordagem qualitativa, investigou a arquitetura vernacula em terra no Território Quilombola de Saco das Almas. A metodologia baseou-se na análise de dados coletados durante o projeto Tradição, Desenvolvimento Sustentável e Tecnologias Sociais: Redes de Conhecimento e Comunicação no Território Quilombola de Saco das Almas, Municípios de Brejo e Buriti, Maranhão (2021), desenvolvido pelo Laboratório de Análise Territorial e Estudos Socioeconômicos (LATESE), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

A experiência como bolsista CNPq nesse projeto proporcionou acesso direto às atividades de pesquisa de campo realizadas à época, permitindo o levantamento de informações por meio da convivência com a comunidade, observação participante, entrevistas semiestruturadas com moradores e registro fotográfico das moradias. Além disso, a coleta de dados incluiu revisão bibliográfica e análise documental, com destaque para laudos antropológicos e dados estatísticos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Território Quilombola de Saco das Almas, reconhecido pela Fundação Cultural Palmares em 2004, é formado por sete comunidades, localizadas nos Municípios de Brejo (Vila das Almas, Faveira, São Raimundo/Boa Esperança, Criulis/Boca da Mata) e Buriti (Vila São José, Pitombeira e Santa Cruz), que possuem cerca de 23.000 hectares, onde residem 1.300 famílias e 5.200 pessoas (Figura 1). Os habitantes de Saco das Almas reivindicam seus direitos territoriais como descendentes de comunidades quilombolas (Furtado, 2014).

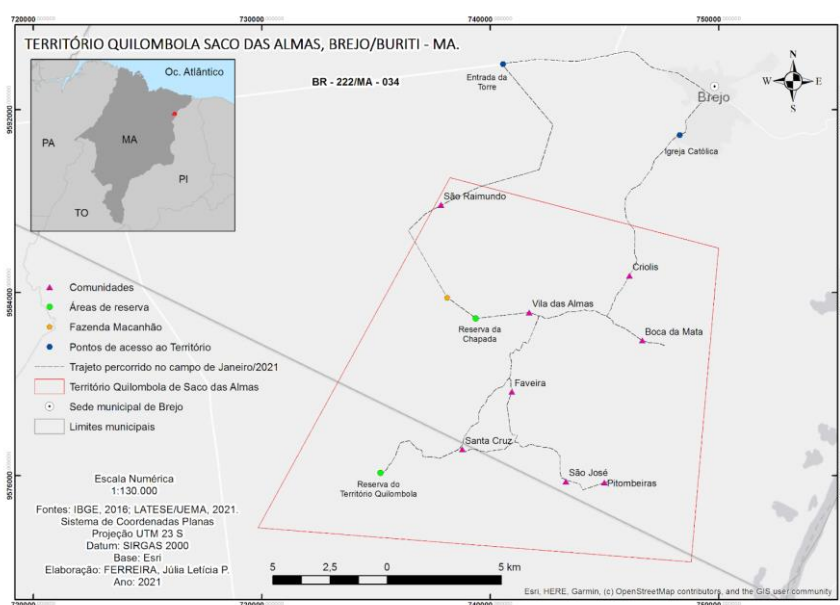


Figura 1 – Mapa do Território Quilombola Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA.
Fonte: IBGE, 2016; LATESE/UEMA, 2021.

No território, a produção construtiva se adapta aos recursos naturais locais, com moradias feitas a partir de matérias-primas extraídas diretamente da natureza. Essas práticas são reflexo de saberes seculares que formam o padrão arquitetônico das casas, caracterizadas pela utilização de materiais como barro, madeira e palha, que são coletados e usados de maneira sustentável. Esse conhecimento técnico é coletivamente gerido e transmitido pela tradição, sendo uma prática essencial para a preservação da cultura local.

Em Saco das Almas, cada comunidade segue um conjunto de regras para o uso coletivo dos recursos naturais. Qualquer atividade de extração deve ser informada a um representante da comunidade para obter a devida permissão. Após a autorização, a extração é validada e o uso dos materiais é permitido para fins pessoais. Da mesma forma, a construção de novas casas requer

autorização para a retirada dos materiais necessários, além da mobilização da força de trabalho da comunidade.

A paisagem de Saco das Almas é marcada pela predominância de moradias autoproduzidas, que utilizam tijolos de adobe e taipa (Figura 2), com cobertura de telhas de barro ou palha e cercas de madeira. A escolha do material construtivo é guiada pela qualidade da matéria-prima disponível e pela diversidade de recursos locais, os quais são utilizados de maneira prática e eficaz pelos moradores. O uso do adobe, no entanto, não se limita às moradias. Ele também é empregado na construção de equipamentos públicos, como a primeira escola da comunidade de São Raimundo, e em instalações de uso privado, como casas de farinha, fornos à lenha, anexos para armazenamento, cercas, entre outros (Figura 3).



Figura 2 – Casas na Comunidade de São Raimundo no Território Quilombola de Saco das Almas.
Fonte: Latese, 2021.



Figura 3 – Casa de forno – Comunidade Criolis/Boca da Mata – Território Saco das Almas, Brejo/Buriti-MA.
Fonte: Autora, 2021.

O uso da terra nas comunidades tradicionais envolve um conhecimento técnico e empírico profundo, abrangendo desde a coleta do barro até a escolha das técnicas adequadas para diferentes fins construtivos e domésticos. Além das moradias, os moradores produzem uma série de objetos utilitários, como tijolos, fornos, fogões, utensílios domésticos, móveis e peças decorativas, todos feitos com materiais locais, adaptados às necessidades da comunidade.

De acordo com entrevistas realizadas com moradores, todo o conhecimento sobre técnicas construtivas e extração de materiais foi adquirido por meio da experiência ao longo da vida. Os moradores estão dispostos a compartilhar esse saber com as gerações seguintes. Isso comprova que, além de possuir habilidades para produzir suas próprias moradias, a comunidade mantém o poder de transmitir esses conhecimentos, garantindo a perpetuação das práticas tradicionais. Como afirmam Crouch e Johnson (2001, p. 25), grande parte da população mundial, especialmente nas culturas tradicionais, utiliza a prática oral e a demonstração para passar o conhecimento, mesmo em contextos de domínio da escrita.



Figura 4 – Senhor Manoel Teixeira, habitante da Comunidade de São Raimundo, moldando tijolos de adobe.

Fonte: Autora, 2021.

No contexto da moradia camponesa em Saco das Almas, o quintal desempenha um papel central na organização do espaço e da vida cotidiana. Mais do que um simples prolongamento da casa, o quintal é um espaço multifuncional, onde se concentram atividades produtivas, sociais, culturais e afetivas. Nele se encontram plantações, anexos como fogões e fornos, além de árvores frutíferas e hortas que garantem parte significativa da alimentação das famílias. O quintal também é um local de encontros, celebrações e convivência comunitária, tornando-se um espaço de fortalecimento dos laços sociais. Essa configuração casa-quintal-território, recorrente nas comunidades de Saco das Almas, contribui diretamente para a autonomia das famílias, reduzindo a dependência das sedes municipais e promovendo uma forma de resistência cultural.

As paisagens, enquanto construções sociais e culturais, são expressões materiais das trajetórias históricas, dos valores e da identidade de uma comunidade. Elas não apenas refletem o passado, mas também conectam passado, presente e futuro. Nesse sentido, a tradição não é uma herança estática, mas um processo dinâmico de reelaboração que dá continuidade à memória coletiva por meio das práticas cotidianas. Em relação a isso, é importante destacar a relação proposta por Hall (2003, p. 29) entre a construção da identidade e a tradição:

Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua “autenticidade”. É, claro, um mito – com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significados à nossas vidas e dar sentido à nossa história.

Nas comunidades que trabalham com a terra, como as de Saco das Almas, essa memória se manifesta nas formas de construir, habitar e viver. O barro, as casas, os utensílios, o quintal — todos esses elementos carregam significados que vão além da técnica, revelando vínculos afetivos, simbólicos e identitários. Preservar essas práticas exige reconhecer a autonomia das comunidades para decidir o que preservar e como projetar seu futuro, valorizando a terra não apenas como matéria, mas como memória viva e fundamento da cultura.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Saco das Almas, observou-se que a produção das moradias é adaptada aos materiais disponíveis na região, sendo a terra um recurso fundamental nesse processo. Ela permite que os moradores desenvolvam e apliquem seus saberes construtivos na edificação das casas e anexos, com sua presença marcante desde a fundação até as esquadrias, o que assegura a sobrevivência da comunidade diante do déficit habitacional no Estado do Maranhão e contribui para o fortalecimento do desenvolvimento familiar. Assim, a arquitetura local caracteriza-se como uma expressão de resistência e sobrevivência, embora envolta em imperfeições e demandando manutenção contínua. Contudo, essas técnicas não devem ser vistas como inferiores ou necessitando de erradicação, mas sim como práticas que podem ser aprimoradas. Para tanto, é essencial criar incentivos para a valorização e aplicação dessas técnicas, promovendo sua continuidade e melhoria.

Esse processo de adaptação e transformação do espaço, relacionado à construção das moradias, revela também uma conexão profunda com a identidade cultural da comunidade. A compreensão da relação entre a produção do espaço e a identidade cultural foi fundamental para esta pesquisa. A criação do espaço ultrapassa a dimensão puramente material, configurando-se como um ato cultural e uma forma de expressão simbólica, especialmente no uso e na transformação das matérias-primas

locais. Compreendê-lo exige um olhar atento não apenas aos aspectos físicos, mas também às práticas, significados, valores e saberes que ele abriga. Nesse contexto, a moradia quilombola emerge como uma manifestação concreta da identidade do Território Quilombola de Saco das Almas, onde os saberes construtivos tradicionais, a organização dos espaços e o cotidiano doméstico evidenciam formas específicas de habitar e se relacionar com o território.

REFERÊNCIAS

- CROUCH, D. P.; JOHNSON, J. G. **Traditions in architecture**: Africa, America, Asia and Oceania. New York: Oxford University Press, 2001. 433p.
- FURTADO, M. L. S. **A alma da mangueira e suas raízes de sofrimento**. Relatório Antropológico do território quilombola Saco das Almas. São Luís: 2014.
- HALL, S. Pensando a Diáspora (Reflexões Sobre a Terra no Exterior). In: SOVIK, L. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- RAPOPORT, A. **House Form and Culture**. Upper Saddle River: Prentice-Hall, 1969. 162p.
- NOGUEIRA, S. M. **Usos da Moradia nas Comunidades do Território Quilombola de Saco das Almas, Brejo e Buriti, Maranhão**. Plano de trabalho. Programa Institucional de Iniciação Científica UEMA/PIBIC - CNPq/UEMA/FAPEMA, 2021.
- TOFANI, F. P.; BRUSADIN, L. B. A Arquitetura Vernácula Enquanto Patrimônio Cultural: contribuições para sua preservação e uso sustentável. SEMINÁRIO ARQUITETURA VERNÁCULA. 2., 2020, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2020.